Ano 1 n.3 set. 2017

TeMA

Informativo

boletim quadrimestral

TeMA

Associação Brasileira
de Teoria e Análise Musical

Palavra dos Editores

SUMÁRIO

Palavra dos Editores 2
Entrevista 3
Em Destaque 8
Anais em Fotos 11
Da Teoria 14
Da Análise 16

***TeMA Informativo*, ano 1, n. 3, set. 2017**

É com grande satisfação que apresentamos aos associados da TeMA e toda comunidade acadêmica o terceiro número do boletim *TeMA informativo*. Como nas edições anteriores, o boletim contém cinco seções dedicadas à apresentação de conteúdos relacionados aos campos da Teoria e da Análise.

A primeira seção traz uma entrevista com o compositor Ricardo Tacuchian realizada pela Profª. Ilza Nogueira. Além de tecer comentários sobre aspectos particulares como a importância da teoria musical e da musicologia para sua carreira e a concepção de seu *Sistema-T*, nosso convidado trata também de questões mais amplas relacionadas ao pensar e fazer musical, discutindo o posicionamento de estudos teórico-analíticos frente ao pluralismo estético musical atual, a questão polêmica do "valor da obra de arte", e as diversas relações de oposição e interseção entre o processo criativo e a pesquisa científica.

Na seção "Em Destaque", divulgamos a chamada para submissões da Revista *Musica Theorica* para um número temático dedicado à *narratividade musical*, que contará com a contribuição do Prof. Michael Klein, *PhD* como editor convidado. Divulgamos também a chamada de trabalhos para o III Simpósio Villa-Lobos que ocorrerá nos dias 10 e 11 de novembro deste ano na cidade de São Paulo. A seção traz ainda uma nota sobre o 4º Encontro Internacional de Teoria e Análise Musical, uma realização cooperativa entre os programas de pós-graduação em Música da UNESP, UNICAMP, UNIRIO e USP que teve como tema *Análise musical e teoria aplicada: confluências e continuidades*.

Na seção "Anais em Fotos", incluímos novas imagens do II Congresso da TeMA, realizado em Florianópolis entre os dias 3 e 6 de maio, registrando este importante momento de construção da nossa associação. A seção inclui também registros de pesquisadores associados desempenhando suas participações em eventos científicos.

Finalmente, com o intuito de divulgar a produção acadêmica recente, as seções "Da Teoria" e "Da Análise" trazem resumos de livros e artigos publicados em 2017 no Brasil e no exterior. Dentre os textos selecionados, encontramos temáticas variadas relacionadas à improvisação na música barroca e renascentista, forma musical e harmonia em contextos diversos, análise *schenkeriana*, música popular, música acusmática, *performance*, dentre outras.

Agradecemos a todos que colaboraram para a preparação deste número, fornecendo informações, imagens e outros materiais. Esperamos que todos possam desfrutar da leitura e, de alguma maneira, fazer uso das informações aqui veiculadas!

Gabriel Navia
Editor adjunto

Ilza Nogueira
Presidente da TeMA entrevistando Ricardo Tacuchian

Competência teórica criativa e cúmplice da produção musical brasileira

> "A música deve se impor por si mesma, independentemente de precisar de um metadiscurso que procure explicá-la ou justificá-la."

A afirmativa é do compositor Ricardo Tacuchian, nosso ilustre entrevistado desta edição do *TeMA informativo*. Parceira em sua brilhante carreira de compositor, sua trajetória como ensaísta e conferencista nos campos da musicologia histórica, da crítica cultural, da teoria e da análise musical não é menos prestigiada nos meios acadêmicos brasileiros, norte-americanos e lusitanos. No texto introdutório ao seu catálogo de obras (*Reflexões sobre uma homenagem d'além-mar*), o maestro Lutero Rodrigues aponta alguns títulos ícones da produção bibliográfica de Tacuchian, "uma das vertentes mais significativas de toda sua atividade": O *Requiem mozartiano* de José Maurício (1991), *Pesquisa musicológica e vida musical contemporânea* (1994), *O sinfonismo guarnieriano* (2001) e *Reavaliando o romantismo musical brasileiro* (2003). Vemos, portanto, que ao lado do discurso musical, o *metadiscurso* sobre música tem regularidade e importância em sua produção. Se não para explicar ou justificar a música (que transmite ou comunica seus poderes diretamente e melhor do que qualquer metadiscurso poderia fazê-lo), para dar vazão às inquietudes de suas "paixões culturais" (a contemporaneidade e a brasilidade musical).

Também é de Tacuchian a reflexão de que "a arte não prescinde de uma pesquisa científica, do mesmo modo que a ciência não prescinde de uma pesquisa criativa. Logo, os dois conceitos apresentam áreas cinzentas de superposição". Essa afirmação se justifica plenamente na sua concepção do *Sistema-T*, sua ferramenta composicional concebida nos últimos anos 1980 e desenvolvida em suas composições dos anos 1990, originada de sua preocupação em ser no tempo, na busca de possibilidades de convivência entre a novidade e a tradição, e no anseio da superação de antinomias (como forma e expressão).

Nosso entrevistado, portanto, vem ao encontro da principal postura que a TeMA tem defendido no seu ainda curto percurso de denso labor: o desenvolvimento de uma competência teórica criativa e cúmplice da produção musical brasileira.

IN: Professor Ricardo Tacuchian, temos grande prazer em recebê-lo como convidado especial da TeMA, para dialogarmos sobre assuntos relacionados ao seu *métier* de compositor, ao seu entendimento sobre a contemporaneidade musical ou às suas ideias para o fomento à produção musical brasileira, seja ela de cunho artístico ou literário. Devo dizer que o estímulo inicial deste debate veio da recente leitura do seu texto *Questões controversas do ofício de compositor* (2010, publicação de 2014), cujas ideias estimularam algumas perguntas sobre a intimidade entre o pensar a música e o fazer musical, sobre contextualização ideológica, identidade cultural, ética profissional, enfim, sobre tudo isso que diz respeito a sua rica trajetória profissional em diferentes cenários socioculturais, e que influenciou a sua disposição de servir a humanidade através da Música.

Nossa pergunta inicial diz respeito a uma curiosidade: O que motiva um compositor extremamente prolixo e necessariamente muito

comprometido com seu *métier* artístico (seu caso) a derivar excepcionalmente da produção musical para a visão crítica, via análise, sobre a obra alheia?

RT: Na verdade, minha trajetória teve uma direção um pouco diferente. Embora componha desde jovem, a atividade mais absorvente, no início de minha carreira, foi a Teoria da Música e a Musicologia. A minha "visão crítica, via análise, sobre a obra alheia" é que me direcionou para a composição de modo mais sistemático. As duas atividades não eram excludentes e, de certo modo, se alimentavam mutuamente. Porém, há momentos em que uma das atividades toma uma proporção muito grande, não permitindo mais você transitar nos dois meios. Esta dicotomia se faz presente quando você adquire certa maturidade e já se beneficiou de uma formação musical mais holística. Minha carreira de compositor se impôs à de musicólogo e/ou teórico. Resta, ainda, uma outra observação. Minha formação, digamos sistemática, como compositor se iniciou nas classes de composição de José Siqueira. Sua metodologia era o estudo das partituras dos grandes mestres do passado, da Renascença até a Música Contemporânea. Além do mais, em meu Doutorado nos EE.UU., ao lado do *major* em Composição, fiz um *minor* em Musicologia. Quando passei a lecionar Composição na Universidade, adotei a mesma metodologia de meu antigo mestre. Hoje, como compositor, sinto-me muito mais fortalecido em relação aos meus colegas compositores coevos que não tiveram esta formação rigorosa que eu tive.

IN: Com razão, poderia se dizer que a criação artística é movida pelo juízo crítico. E salvo engano, ou melhor juízo, penso que todo o seu ensaio sobre as "Questões controversas do ofício de compositor" volta-se, de forma implícita, a essa afirmativa. Pensar a forma retrógrada dessa afirmação, isto é, que o juízo crítico deve ser mediado por uma concepção artística, faz sentido ao ofício do teórico musical? Por acaso, isto foi o caso na concepção do *Sistema-T*?

RT: Temos que dar um sentido a tudo que fazemos na vida, inclusive na Composição Musical. Se sua vida é pobre de experiências culturais, de reflexões sobre o mundo e sobre o contexto cultural onde você vive, evidentemente sua música será pobre, sem conteúdo, "sem alma". Assim, um juízo crítico sobre o fazer musical é essencial para um resultado satisfatório de qualquer trabalho, seja científico, artístico, pedagógico, social ou de outra natureza qualquer. É óbvio que, no caso da Música, um "juízo crítico" nunca suprirá uma falta de talento que vem do berço.

Quanto ao *Sistema-T*, eu o criei como uma simples ferramenta de trabalho que atendesse meu interesse por uma estética afirmativa do "novo", sem ruptura total com a tradição. É o que chamei de "superação das polaridades". O *Sistema-T* não surgiu de repente. Foi fruto de um "juízo crítico" e de uma "reflexão teórica", mas, acima de tudo, confirmada por experiências empíricas. À medida em que alcançava novos conceitos, eu os colocava em prática, avaliando os resultados, ouvindo os músicos intérpretes e a crítica do ouvinte e de outros compositores que fizeram uso da ferramenta. Paulatinamente fui experimentando a técnica em diferentes mídias (solos instrumentais, vocais, coro, orquestra) para ver como funcionava na prática. Finalmente, criei um complexo teórico que é, ao mesmo tempo, fruto da reflexão e do empirismo.

IN: Voltando a "Questões controversas do ofício de compositor", dentre os "desafios do compositor de música de concerto", estão inicialmente os de ordem estética; de maior magnitude, poderíamos dizer, pois dizem respeito à inserção do produto artístico no espaço e no tempo. Considerando a atualidade como uma época de "tolerância estética", seu texto distingue três tipos de posicionamento estético na contemporaneidade: o vanguardismo (em que prevalece o signo novo sobre a tradição), o neoclassicismo (onde prevalece a tradição sobre o signo novo) e o pós-modernismo (onde tradição e inovação se equilibram). Obviamente, cada tipo abrange um mosaico de estilos independentes e intercambiáveis, onde tradição e inovação se traduzem em todos os parâmetros da composição (altura, duração, timbre, textura). Pensar a composição contemporânea significa, portanto, admitir um grande número de

possibilidades estilísticas, cuja convivência, em regime de "tolerância", pede por uma necessária "relativização" (outro termo viável para referir-se à estética composicional deste início de milênio). Se a música de concerto, como diz o mesmo ensaio, é um "produto planejado", que tipo de "planejamentos" podem atuar no contexto estético atual, onde os principais modelos conceituais – transitividades e descontinuidades – desafiam as lógicas sintáticas e orgânicas? Não estaria a estética contemporânea antes se definindo como um "produto do devir", onde o compor seria mais submisso à interatividade relativizada de materiais do que comandante do desenvolvimento e do relacionamento desses materiais na música?

RT: Em primeiro lugar devo deixar bem claro que "os três tipos de posicionamento na contemporaneidade", citados nesta pergunta, representam um "cacoete" meu de professor que usa os recursos da "classificação" para facilitar a compreensão de meu pensamento. A classificação facilita a comunicação daquilo que você quer passar para o outro, mas ela nunca é perfeita. Deve ser entendida de modo relativo. Aliás você ressalta isso em sua pergunta. A expressão "tolerância estética" eu a cunhei porque vivi, nos anos 70 do século passado, um período de intensa intolerância estética. Se você escrevia música com qualquer lembrança da tradição, era logo carimbado de "conservador" pela militância crítica. Ao contrário, se adotasse uma posição radicalmente experimental, era rejeitado pelo grupo estético oposto, mais tradicionalista. Felizmente, este confronto foi paulatinamente se diluindo até chegar ao momento em que vivemos e, que, eu passei a chamar de "tolerância estética". Quanto à expressão "produto de devir", eu concordo apenas em parte. Na criação artística sempre haverá a posição inalienável de um criador, por mais que ele esteja integrado a um "devir". Para mim, obra de arte implica no ponto de partida de um criador humano. Se o produto vem de um algoritmo ou se os sons vêm da natureza, não considero como obra de arte. Quando muito, é obra da inteligência humana ou é a beleza espontânea dos sons da Natureza.

IN: Considerando o pluralismo dominante na estética musical contemporânea e suas consequências em configurações discursivas (ou anti-discursivas), poderia se admitir que a música de hoje, grosso modo, desafia a tradição das teorias analíticas, cuja maioria se configurou em função de repertórios fundados em concepções organicistas. Em que sentido o campo de estudos teórico-analíticos da música poderia (ou deveria) reinventar-se em função da hermenêutica da música atual?

RT: Cada vez mais a liberdade de criação torna mais difícil a tarefa de um analista. Entretanto, se aceitarmos que a música é uma forma de organização sonora, sempre haverá espaço para se definir qual foi o critério usado pelo compositor para este tipo de organização. Se não há critério nenhum, no meu entender, não se consumou a criação, mas um caos sonoro. Alguns críticos, analistas ou compositores aceitam este tipo de "criação", mas esta posição, para mim, é bastante discutível.

IN: Ainda é pertinente falar-se a respeito de "linguagens composicionais", como resultado de gramáticas operacionais identificáveis? Ou o que se poderia definir como "semântica musical" estaria hoje priorizada na *poiesis* composicional, requerendo, obviamente, um pertinente e novo olhar teórico-analítico?

RT: Sem o rigor da época em que surgiu a Semiologia Musical, ainda acho que esta forma de pensamento responde muito bem ao seu questionamento. A análise de uma obra não pode se cingir apenas ao "nível neutro" da obra, isto é à sua materialidade, mas deve incluir o que veio antes e o que virá depois (segundo Molino, a dimensão poiética e a dimensão estésica). Pessoalmente tenho plena consciência que, quando me disponho a escrever uma obra, preciso de um período de "germinação", que, às vezes, é mais longo do que a ação propriamente dita de escrever a música. Aliás, se esta "germinação" é lenta e ocorre num terreno fértil, o ato de compor será tranquilo, fluente e relativamente rápido. Entretanto, quando coloco uma barra dupla de terminação em minha partitura, a obra não está acabada. Ela precisa criar vida nas mãos

de um intérprete. O processo de criação muda de mãos. O músico "interpreta" e não "executa" apenas. Ainda, mesmo depois desta dupla fase criativa, a obra não está acabada. Ela se transforma em realidade (ou realidades) no cérebro de cada ouvinte. E cada ouvinte decodifica a obra de acordo com seu patrimônio cultural e sua sensibilidade. Aí, sim, a obra de arte está concluída. Portanto, a prioridade da análise ou da compreensão de uma semântica musical não está apenas na *poiesis* composicional mas na articulação de todas as fases da criação. É a clássica comparação com o banco de três pernas. Ele não fica de pé se faltar uma das pernas.

IN: Voltando ainda às suas "Questões controversas do ofício de compositor", especificamente onde se lê que a arte não prescinde de uma pesquisa científica, do mesmo modo que a ciência não prescinde de uma pesquisa criativa, pode-se dizer que a frase citada prima pela lucidez e clarividência que lança sobre o ofício de compositor como sendo o de um intérprete da vida, tal como ela se nos apresenta: essencialmente controversa. Aplicando essa pérola de pensamento ao ofício de musicólogo analista, em que medida as oposições conceituais "realidade" e "fantasia" são cabíveis, pertinentes ou imprescindíveis ao discurso analítico?

RT: Tenho pouco a acrescentar à sua inteligente e generosa pergunta. Sim, a análise da realidade nunca será suficiente para explicar a "fantasia". Esta é indizível e é por isso que a música se justifica em nossa existência. Não fosse isto, a realidade material seria suficiente.

IN: Algumas de suas obras têm sido objeto de estudos críticos e analíticos no universo acadêmico. O que o compositor Ricardo Tacuchian tem observado a respeito dessa produção, de uma forma generalizada? O que surpreende, alegra ou desagrada "o compositor" nas versões analíticas de sua obra?

RT: Acho fundamental o estudo analítico de obras de diferentes épocas e estilos. Este estudo nunca será definitivo porque não existe uma análise única de uma obra. Alguns dos estudos sobre meus trabalhos me surpreenderam e levantaram questões que não passaram conscientemente pela minha cabeça.

IN: Numa de suas publicações da virada do século (*Reavaliando o romantismo musical brasileiro*, 2002), lê-se esta pertinente argumentação: "O musicólogo não pode se ater a um documento musical isolado, analisando-o dentro de sua perspectiva pessoal, mas sim num contexto histórico, cultural e estético". Obviamente, a frase se encontra no contexto de um ensaio crítico que avalia uma produção historicamente distanciada. Diferente é o caso da musicologia que se debruça sobre a compreensão da contemporaneidade, quando a história, a cultura e a estética ainda estão "no forno". Quais atitudes minimizam a falta do distanciamento histórico, para que perspectivas críticas ainda possam comandar as análises sobre a música recém-composta?

RT: A pergunta levanta uma questão que, até agora não tinha sido abordada nesta entrevista, através da qual estou mais aprendendo do que ensinando. Ela levanta a questão controversa do "valor da obra de arte". Há vários critérios para a avaliação, mas apenas um é definitivo: "a prova do tempo". Este critério não pode ser usado pelo analista de uma obra contemporânea porque ele nunca estará suficientemente distanciado em tempo da obra que lhe é contemporânea. Isto não impede que o analista levante indícios sobre a capacidade de permanência ou não de uma determinada obra. A questão fica mais controversa ainda porque certos compositores, hoje, defendem a tese de que a permanência da obra na História é um conceito romântico e que a obra é para ser consumida e imediatamente descartada. O pão é para ser comido fresco e, assim, desaparece. Se for "guardado" para a posteridade fica duro e inútil. Não vou entrar nesta discussão porque não entendo muito de pão.

IN: A seu ver, no mundo globalizado da atualidade, ainda é possível conceituar uma "poiesis musical brasileira"?

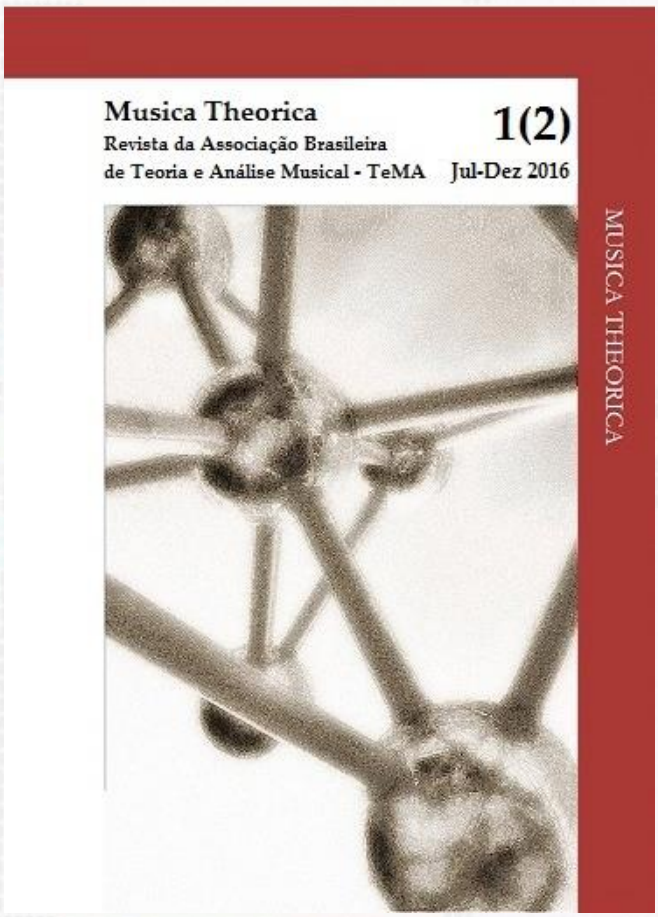
RT: Ainda vemos compositores de música de concerto falando em "poiesis musical brasileira". Dentro da referida "tolerância estética" eles merecem o maior respeito e alguns deles fazem um trabalho de excelência. Para mim, este conceito está inteiramente superado. Villa-Lobos, Camargo Guarnieri, Francisco Mignone, José Siqueira e Guerra-Peixe, entre outros, já exploraram, muito bem, este veio. Nada impede que se procurem novos caminhos camuflados de seguir esta tendência em nossos dias. Eu, pessoalmente, estou afastado deste tipo de preocupação. Afinal de contas, sempre vivi na cidade grande, minha formação foi internacional e vivo num oceano cibernético. Falar em "poiesis musical brasileira", em pleno século XXI, para mim, não faz mais sentido. Respeito e posso até apreciar a obra de quem pensa diferente.

IN: Professor Tacuchian, sua experiência no mundo acadêmico brasileiro foi larga e exitosa: como docente e como administrador. Sua passagem ativa por instituições voltadas ao fomento da cultura brasileira foram também plenas de sucesso e significação. Conhecemos o desafio e os combates que a nossa natureza artística enfrenta para derrubar preconceitos, burocracias e fazer valer a memória, honrar a história e insistir para que o futuro não opacifique os traços da nossa identidade cultural. O artista, como você se reconheceu, cumpre seu papel pela militância social; e como tal, é necessariamente um ativista de políticas culturais. Para finalizar esta entrevista, gostaria de lhe perguntar como você considera o cenário atual nas instituições públicas brasileiras, no que diz respeito à preservação de legados e à instituição de patrimônios musicais? Há declarações a fazer? Ideias e caminhos a apontar?

RT: Estou convencido de que a independência de um país, a prosperidade e a justiça social de um povo só serão alcançados através da Educação e da Cultura. Estas foram as trincheiras durante toda minha trajetória de cidadão. Não interessa às forças retrógradas o desenvolvimento dessas duas áreas porque colocarão em risco os privilégios das castas que há 500 anos dominam o país. Continuo nesta luta, dentro de minhas limitações, sem perder a esperança. Algum dia viveremos numa sociedade justa, onde a cultura, a educação, a pluralidade de opiniões, a distribuição dos bens materiais e espirituais, enfim, a cidadania, serão vistos como um bem social indissolúvel. A música pode ajudar muito.

IN: Resta-nos aqui, portanto, agradecer-lhe a concessão desta entrevista, o privilégio desse diálogo que ilustra um dos mais aguçados pensamentos críticos sobre a música contemporânea e sobre a produção musical brasileira. Diálogo este que, seguramente, continuará a refletir-se e a desdobrar-se em argumentações dos nossos leitores.

« » « » « » « » « »

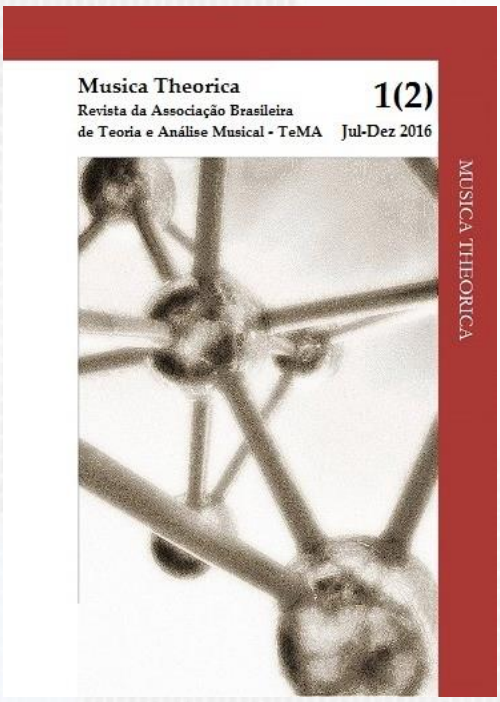


ASSOCIADOS/COMUNIDADE ACADÊMICA

Seleção e promoção por Edson Hansen Sant ' Ana

REVISTA MUSICA THEORICA

Chamadas para submissões em 2017



A revista é uma publicação online da TeMA – Associação Brasileira de Teoria e Análise Musical –, dedicada ao fomento e divulgação de pesquisas nesses campos. O regime de submissões é contínuo e seu alcance é internacional. Estimulamos os pesquisadores a submeter seus textos em inglês ou francês, embora a maioria dos artigos publicados ainda seja em português.

Nos dois números de 2016 a revista já recebeu contribuições de autores estrangeiros (Antokoletz, Marvin e Bonardi) e contou com o apoio substancial do corpo editorial (nacional e internacional) que tem sido muito participativo. Para 2017 está prevista a publicação de dois números:

a) 2017 (volume 1): **submissões já ocorridas** (prazo terminado em 31 jul. 2017);
b) 2017 (volume 2): **data de fechamento de submissões** (5 dez. 2017).

O próximo número será temático – "Narratividade Musical" – tendo o Prof. Michael Klein, Phd (*Temple University*, Philadelphia) como editor convidado. Klein é autor dos livros *Intertextuality in Western Art Music* (2004), *Music and Narrative since 1900* (2012) e *Music and the Crises of the Modern Subject* (2015).

Editor-chefe: Rodolfo Coelho de Souza

SITE DA TeMA: NOVA ORGANIZAÇÃO

TeMA | Associação Brasileira de Teoria e Análise Musical

O *site* da TeMA, como já anunciamos, está disponível em uma nova organização. O objetivo é facilitar o acesso do usuário e normatizar o conteúdo já existente de acordo com exigências legais para publicações. O outro fator preponderante para essa nova organização é o crescimento de conteúdos produzidos pelos associados e demais pesquisadores que vincularam-se aos eventos e programações acadêmicas desenvolvidas pela Associação Brasileira de Teoria e Análise Musical (TeMA). Em termos de publicações, quanto à periodicidade, ressaltamos que a *Revista Musica Theorica* é semestral, o *TeMA Informativo* é quadrimestral, os *Anais dos Congressos* e a *Série Congressos* são publicações bianuais. Assim, com essa nova organização, pretende-se estimular a maior visibilidade da produção acadêmica e outras iniciativas.

III SIMPÓSIO VILLA-LOBOS

São Paulo, ECA/USP, 10 e 11 de novembro de 2017.

Chamada de trabalhos:

Estão abertas as inscrições para apresentações de trabalhos no III Simpósio Villa-Lobos, organizado pelo Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (CMU-ECA/USP). O evento ocorrerá nos dias 10 e 11 de novembro de 2017 em lugar a ser definido, em um dos *campi* da USP (Cidade Universitária ou Maria Antonia) em São Paulo. Além da celebração do 130º aniversário do compositor, será realizado o lançamento do livro *Villa-Lobos, um compêndio: Novos desafios*

interpretativos (Salles, P. de T. e Dudeque, N., org.; Ed. UFPR), com textos inéditos de pesquisadores vinculados ao PAMVILLA (Perspectivas Analíticas para a Música de Villa-Lobos), grupo de pesquisa registrado no CNPq e atuante desde 2012.

Temas a serem discutidos:

a) Nacionalismo, folclorismo e modernismo no Brasil do início do século XX;
b) Teoria das tópicas, narratividade e outras abordagens semióticas aplicadas à música brasileira;
c) Análise estrutural e/ou estética de obras de Villa-Lobos;
d) Aspectos históricos e biográficos envolvendo o compositor;
e) Villa-Lobos e o Estado Novo: releituras do projeto de construção do Brasil;
f) Diálogos entre as propostas de educação musical no Brasil: do canto orfeônico aos dias de hoje;
g) Aspectos da performance na obra *villalobiana*;
h) Villa-Lobos em diálogo com a música moderna na Europa e na América;
i) Villa-Lobos em diálogo com a música popular brasileira;
j) O Museu Villa-Lobos e os acervos de música brasileira;
k) Representações etnográficas na obra de Villa-Lobos: o índio, o negro, o caipira, etc. e suas culturas.

Submissões: até 01 de outubro de 2017.

Envio: simposiovilla2017@gmail.com

Os textos deverão ser inéditos e encaminhados com a formatação que é descrita neste *link*: https://goo.gl/3daoAg

Haverá publicação (*online*) de anais, com ISBN. As comunicações terão cerca de 20 minutos de duração e outros 10 minutos para perguntas da plateia.

Os trabalhos só serão incluídos nos anais mediante pagamento da taxa de inscrição.

Taxa de inscrição:

Alunos (programas de pós-graduação)	R$ 50,00
Alunos de graduação	R$ 20,00
Professores e pesquisadores	R$ 80,00

As inscrições para o evento ocorrerão no dia 10/11/2017 a partir das 9:30 até às 12:00 horas.

4º ENCONTRO INTERNACIONAL DE TEORIA E ANÁLISE MUSICAL (2017)

O *IV Encontro Internacional de Teoria e Análise Musical*, EITAM4, intitulado *Análise musical e teoria aplicada: confluências e continuidades* foi realizado nos dias 7 a 9 de junho de 2017 em cooperação entre os Programas de Pós-Graduação em Música (PPGMUS) da UNESP, UNICAMP, USP e UNIRIO, o principal objetivo dos coordenadores e participantes do evento foi o de "[...] fortalecer as pesquisas nas áreas de Teoria e Análise Musical no cenário acadêmico nacional."

"Como tema do evento escolheu-se *Análise musical e teoria aplicada: confluências e continuidades*, no sentido de que, nos estudos sobre música, a produção intelectual que se expressa textualmente compartilha com as práticas sonoras o processo interpretativo, como substrato, naturalmente intermediado pela percepção auditiva aguçada e musicalmente desenvolvida. Nesse ambiente de estudos musicológicos, tem-se o viés teórico como base investigativa. Na confluência desses estudos está a análise musical, prática interpretativa que tem como finalidade primeira a compreensão de processos musicais."

Referência (*site* do EITAM4):
http://www2.eca.usp.br/etam/ivencontro/

I SEMINÁRIO DE MÚSICA BRASILEIRA DA UNESP

São Paulo, IA/UNESP, 4 a 26 de outubro de 2017.

O *I Seminário de Música Brasileira* tem como objetivo proporcionar aos profissionais e estudantes de música, internos e externos à UNESP, o contato com uma amostra significativa do repertório musical brasileiro de diversos períodos e formações. Serão veiculados trabalhos sobre o assunto, por profissionais da pesquisa e produção cultural no Brasil, que possuem vínculos acadêmicos com a UNESP. A entrada é franca e serão oferecidos certificados de frequência a cada uma das palestras (com carga horária de duas horas), a serem entregues ao final das mesmas.

Acesso: https://paulocastagna.com/unesp/smb1/ http://www.unesp.br/portal#!/noticia/29321/i-seminario-de-musica-brasileira-da-unesp/

Organizador: Paulo Castagna
Instituto de Artes da UNESP

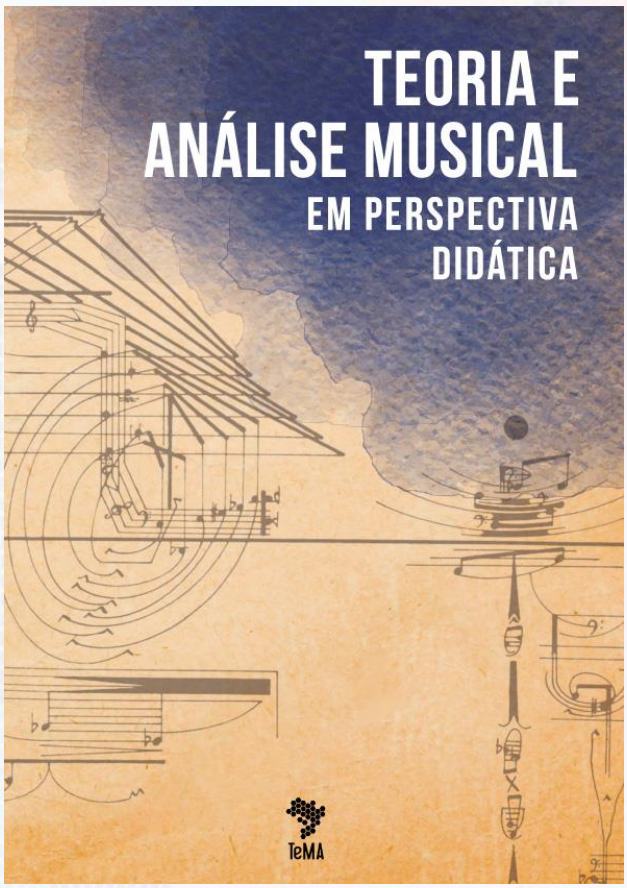
ALMEIDA PRADO: UMA PERSPECTIVA DE ANÁLISE EM TRABALHOS NA UNICAMP (XVII CONGRESSO DA ANPPOM)

Na comemoração de seu trigésimo aniversário, a ANPPOM apresentou seu XVII Congresso, desta vez na Unicamp (28-08 a 1-09-2017), e, fez uma inovação: convidou pesquisadores sênior para palestras de abertura às sessões de comunicações das sub-áreas. Para Teoria e Análise, Maria Lúcia Pascoal apresentou o trabalho *Almeida Prado: uma perspectiva de Análise em trabalhos na Unicamp*.

Essa pesquisa, a partir de uma contextualização de Teoria e Análise, faz uma síntese de pesquisas realizadas na UNICAMP sobre as composições de Almeida Prado (1943-2010), o qual foi também professor que iniciou essa atividade no Departamento de Música do Instituto de Artes. Através de técnicas analíticas diferentes, os aspectos de Textura e Timbre são salientados, nas possibilidades da música pós-tonal que investiga materiais e técnicas da composição. São peças pianísticas, partes de coleções, como *O livro das duas meninas* (1982); *Poesilúdios* (1983); *Estudos* (1999) e *Sonatina n. 2* (1998). Os resultados mostram aspectos da prática pós-tonal na composição de Almeida Prado, especialmente quanto ao uso de coleções, variações de células, séries em acordes, releituras e ainda um uso original da série, o diatônico em uma série de doze sons. Aponta como o tratamento da textura e do timbre, sempre presentes, abrem possibilidades para a compreensão do pensamento musical do compositor, contribuindo para a divulgação de sua música.

LIVRO DA TeMA (SÉRIE CONGRESSOS): TEORIA E ANÁLISE MUSICAL EM PERSPECTIVA DIDÁTICA

Em tempo de excelente oportunidade, apresento o segundo volume da Série Congressos da TeMA, o qual é referente ao II Congresso da TeMA realizado na UDESC (Florianópolis-SC). O livro, impresso pela UFBA, será distribuído gratuitamente entre autores e associados, e vendido ao público interessado pelo valor de R$60,00 (sem frete). Solicitações devem ser encaminhadas aos editores do volume: Ilza Nogueira (nogueira.ilza@gmail.com) e Guilherme S. de Barros (guisauer@gmail.com).

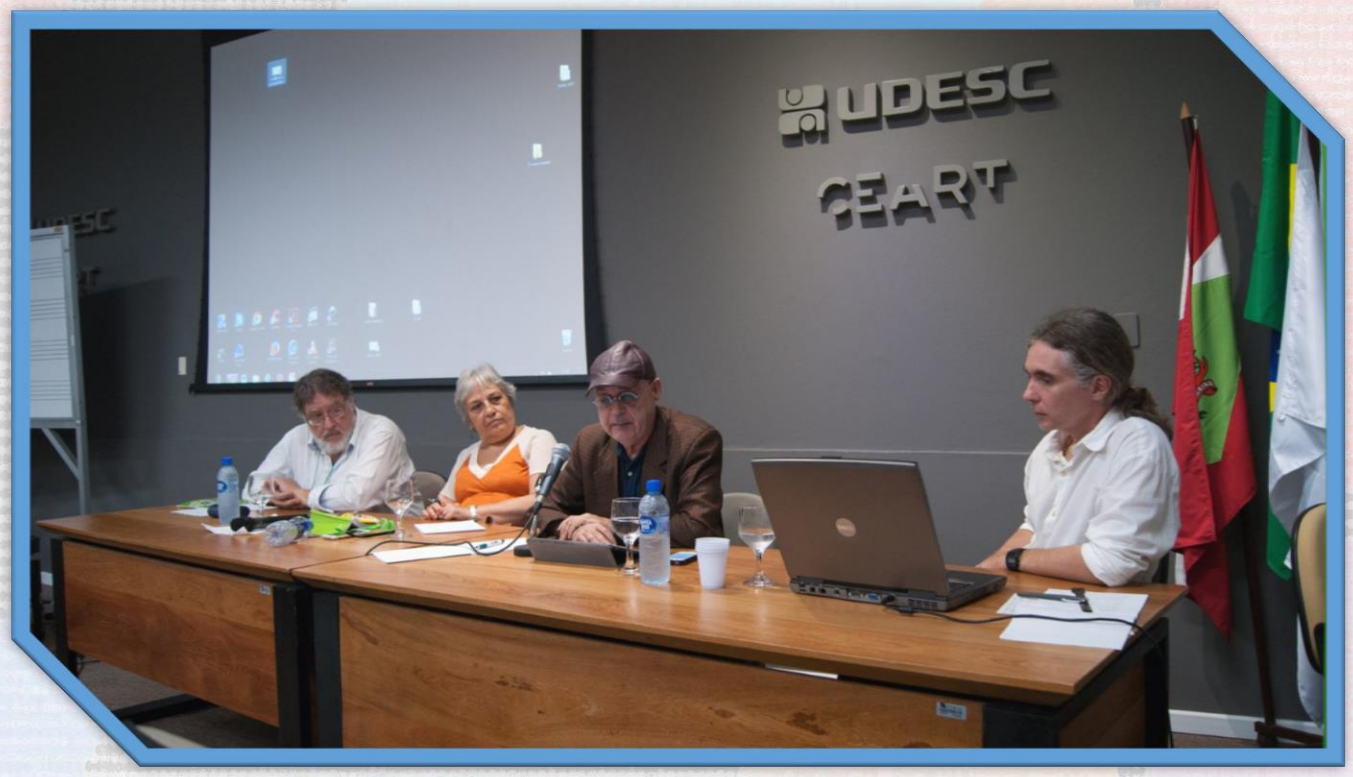


O conteúdo do livro é resultado de ensaios selecionados, os quais são provenientes da programação do congresso. Centrado no tema *Teoria e Análise Musical em Perspectiva Didática*, o evento convidou pesquisadores nacionais e internacionais, para discutirem, principalmente, as idiossincrasias, as vicissitudes e as estratégias metodológicas do ensino teórico e analítico em Música. Assim, como editor-chefe do *TeMA Informativo*, reservo neste último destaque, um espaço para reforçar a imperdível oportunidade de aquisição do compêndio.

II CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TEORIA E ANÁLISE MUSICAL

"TEORIA E ANÁLISE MUSICAL EM PERSPECTIVA DIDÁTICA"

Florianópolis - SC, 3 a 6 de maio de 2017



Mesa temática "O ensino de Teoria e Análise Musical na Pós-Graduação" (da esq. à dir.): Prof. Achille Picchi (UNESP), Profa. Carole Gubernikoff (UniRIO), Didier Guigue (UFPB) e Prof. Guilherme Sauerbronn (UDESC). (Foto: Gustavo Fey e Patrick Antunes).

Mesa temática "A pesquisa acadêmica no Brasil e as teorias analíticas" (da esq. à dir.): Prof. Pauxy Gentil-Nunes (UFRJ) e Prof. Carlos Almada (UFRJ). (Foto: Gustavo Fey e Patrick Antunes).

II Congresso da TeMA: um dos momentos de confraternização dos congressistas no *coffee break*. (Foto: Gustavo Fey e Patrick Antunes).

XXIV Encontro Nacional de Organistas (UNESP): Profa. Miriam Carpinetti apresenta a "Reescrita do cantochão e do coral luterano na literatura organística" (jul. 2017, São Paulo).

PESQUISADORES ASSOCIADOS DA TeMA PELO MUNDO

Prof. Gabriel Navia em comunicação na *9th European Music Analysis Conference* (EuroMAC), realizada na cidade de Strasbourg na França entre os dias 28 de junho e 1 de julho de 2017.

Brazilian Day (da esq. à dir.): Peter Knudsen (piano), Daniel Arevalo (bateria), Kristina Tyrenius (canto), Antenor Corrêa (percussão e violão) e Rubem Farias (contrabaixo). Antenor Corrêa, também secretário da TeMA, participou no concerto/show realizado em Estocolmo (Suécia, [13/08/17]).

RESUMOS/EMENTAS

Algumas sugestões por Gabriel Navia

Livros

Towards a Harmonic Grammar of Grieg's Late Piano Music: Nature and Nationalism
Benedict Taylor (Routledge, 2017)

A música de Edvard Grieg é frequentemente celebrada por sua riqueza harmônica, uma característica especialmente aparente em suas obras para piano, escritas nas últimas décadas de sua vida. Este livro não é apenas um inventário dos procedimentos harmônicos preferidos por Grieg, mas tenta encontrar os princípios estruturais que regem a conjunção destes procedimentos. Em outras palavras, o livro busca demonstrar como elementos característicos da gramática harmônica de Grieg são utilizados para criar uma sintaxe tonal. Tomando como referência teorias tradicionais e seus avanços recentes, o autor desenvolve novos modelos que possibilitam compreender a música de Grieg como epítome da complexa prática harmônica do romantismo tardio. A pesquisa deposita luz sobre as questões da natureza e do nacionalismo, há tempo associadas à figura do compositor: a questão da tonalidade como algo natural ou culturalmente construído, e considerações historiográficas mais amplas relacionadas à posição periférica ocupada por Grieg na tradição austro-germânica.

Studies in Historical Improvisation: From Cantare super Librum to Partimenti
Massimiliano Guido (ed.) (Routledge, 2017)

Nos últimos anos, pesquisadores têm se interessado cada vez mais pelo resgate da improvisação musical nos estilos renascentista e barroco. Esta prática historicamente informada está aos poucos substituindo a visão romântica de música improvisada como uma aspiração rapsódica – um florescer espontâneo da genialidade do intérprete – predominante durante todo o século XX. Durante o Renascimento e o Barroco, a composição interna (*alla mente*) tinha uma função didática importante. Para diversas categorias de músicos, o ensino do contraponto acontecia quase que em sua totalidade através da prática instrumental. Este livro traz o primeiro estudo sistemático da estreita relação entre improvisação, teoria musical e práticas interpretativas do Barroco e fim do Renascimento. Não se trata de uma pesquisa histórica, mas de reestabelecer a importância de tal combinação como uma ferramenta pedagógica para um melhor entendimento dos idiomas musicais destes períodos. Os autores se ocupam com a transferência de práticas históricas para a sala de aula, discutindo novas maneiras de revitalizar o estudo e a apreciação da música antiga. A relevância e utilidade de uma abordagem baseada na improvisação, como esta, também transforma nossa compreensão do equilíbrio entre fontes teóricas e práticas na literatura primária, bem como, do próprio conceito da teoria musical. Ao lado de uma tradição teórica centrada na palavra, na qual regras são descritas por um discurso carregado e demonstradas por exemplos musicais, o livro nos estimula a redescobrimos a importância de uma tradição centrada na música, especialmente presente na Espanha e na Itália, onde a música se sustenta por si mesma e, o aprendiz deve destilar as regras aprendendo e executando a própria música.

Schenkerian Analysis
Boyd Pomeroy (Oxford Bibliographies, 2017)

Produzida pelo teórico Boyd Pomeroy, esta bibliografia comentada traz resenhas detalhadas dos principais trabalhos sobre análise *schenkeriana* já publicados. O material é organizado em duas categorias: a primeira inclui introduções e apresentações gerais sobre a obra do teórico Heinrich Schenker e sua abordagem analítica; a segunda categoria contém trabalhos que trazem informações sobre sua vida e as diversas atividades profissionais por ele exercidas. A obra está disponível *online* através da base de dados da *Oxford Bibliographies*, sendo periodicamente atualizada pelo autor.

Popular Music Theory and Analysis: A Research and Information Guide
Thomas Robinson (Routledge, 2017)

Esta bibliografia comentada, escrita pelo teórico Thomas Robinson, inclui resenhas de um grande número de trabalhos acadêmicos dedicados à teoria e à análise da música popular. Cada capítulo é dedicado a um tipo de material: 1) artigos, 2) livros, 3) coleções, e, 4) dissertações. Para facilitar o manuseio, a obra traz índices remissivos organizados por título de canções, assunto, autor e/ou editor, e, ano de publicação do trabalho.

Artigos

Por uma análise pela composição: a concepção intervalar de Almeida Prado nas *Cartas Celestes I*
Opus, v. 23, n. 1, p. 61-91, abr. 2017.
Edson Hansen Sant'Ana

Este texto busca fazer um estudo teórico-crítico revisando os propósitos de uma análise musical,

levando em conta os conceitos discorridos por Cook, Kramer, Laborde e uma série de autores significativos que corroboram, anteriormente, as ideias aqui desenvolvidas. Diante de uma detalhada observação que comprovou um processo intervalar que Almeida Prado chamou de "expressividade intervalar", nos mesmos termos do fenômeno e a partir de pesquisas recentes, venho propondo uma superação terminológica em direção ao que tenho chamado "intervalo característico" – a tradução dessa recorrência estrutural de intervalos mais potenciais de dissonância são contrastantes aos sete intervalos iniciais e consonantes da série harmônica. Descendente da observação à produção pós-ruptura de Almeida Prado, à teorização aqui apresentada, buscou-se um aprofundamento com algumas tangências conceituais entre teorias aparentemente díspares (ex.: "polaridade" de Costère e *interval class* de Forte). Como comprovação analítica intervalar apresentou-se alguns dos muitos recorrentes casos em *Cartas Celestes I*.

Passar dos limites? Harmonias de mediante e repertório popular no Brasil
Opus, v. 23, n. 1, p. 104-146, abr. 2017.
Sergio Paulo Ribeiro de Freitas

Harmonias de mediante (digamos, o acorde ou área tonal de Mi maior na tonalidade de Dó maior) são escolhas formais que agregam valor nas disputas que se operam nos domínios da música popular? Para pensar a questão são apresentados breves comentários analíticos que sinalizam que, estimadas como singulares e inovadoras, tais harmonias se destacam no plano tonal de choros e canções produzidas no Brasil ao longo do século XX. Relativizando as funções da mediante, e suas capacidades de sugestionar e ser sugestionada por outros elementos da composição e seu entorno, são citadas obras de personagens canônicos, tais como Anacleto de Medeiros, Pixinguinha, Jacob do Bandolim, Nelson Cavaquinho, Copinha, Canhoto da Paraíba, Custódio Mesquita, Vadico, Noel Rosa, Ary Barroso, Ismael Neto, Antônio Maria, Johnny Alf, César Camargo Mariano, Tom Jobim e Chico Buarque. Percebendo que entre obras e personagens, em perspectiva transnacional e transepocal, ressoa uma espécie de longa conversa, destaca-se como mote a canção *Vitoriosa* de Ivan Lins e Vitor Martins, pois nesta canção emprega-se a região de mediante justamente para ambientar o verso "Quero toda essa vontade de passar dos seus limites, e ir além, e ir além".

La experiencia de escucha acusmática: una propuesta de análisis integrado
Revista Musical Chilena, n. 227, p. 108-121, jan.-jun., 2017.
Federico Schumacher Ratti e Claudio Fuentes Bravo

Neste artigo propomos a fundamentação teórica de um conjunto de delineamentos que deveriam ser considerados na construção de uma metodologia de análise da experiência de escuta em música acusmática. Apresenta-se uma consideração crítica da literatura relevante no contexto apontado, com o objetivo de compreender princípios, diretrizes convergentes, que relacionam certos enfoques provenientes da análise musical que são justificados em sua relevância disciplinar, particularmente, aqueles desenvolvidos por Stéphane Roy e François Delalande, com o marco conceitual que oferece o campo da linguística cognitiva. Na consideracção dos casos analisados por Roy e Delalande nos parece evidente que os sujeitos reportam sua experiência de escuta que utilizam um conjunto de metáforas cognitivas: em especial, esquemas de imagen e de movimento fictícios. Os construtos teóricos têm sido já largamente estudados e descritos a nivel linguístico bem como neuroanatômico. Estas metáforas cognitivas são suscetíveis de serem utilizadas por ouvintes de música acusmática durante a descrição da experiência de escuta, tanto em particular e distintivamente, porque esta música faz um uso intensivo de técnicas de espacialização sonora, como também, porque todo relato não é outra coisa que o reporte linguístico de uma experiência de escuta. A partir do que dissemos anteriormente, postulamos o desenvolvimento de uma metodologia multimodal, que nos permita conhecer com certeza empírica a experiência subjetiva das pessoas, e ao mesmo tempo, poder estabelecer correlatos entre essa experiência e esse rastreamento acústico dado na audição.

Zamba y Formenlehre: un abordaje formal de la zamba en diálogo con algunas corrientes recientes de la teoría musical
Revista Argentina de Musicología, v. 17, 83-112, 2016.
Alejandro Martínez

Neste trabalho estudamos a organização formal no gênero *zamba* recorrendo à teoria das funções formais, tal como é apresentada por William Caplin e outros autores. Trata-se de um modelo formal-funcional *modular* da *zamba* inspirado também na Teoria da Sonata de James Hepokoski e Warren Darcy, pelo qual se analizam diferentes exemplos ilustrando as várias possibilidades intra-temáticas que exibem as *zambas*. Finalmente se analiza, em detalhe, as primeiras estrofes das *zambas*, *Debajo de la morera* e *Zamba del riego*, incorporando os gráficos prolongacionais propostos por Lerdahl e Jackendoff.

RESUMOS/EMENTAS
Algumas sugestões por Gabriel Navia

Livros

The Romantic Overture and Music Form from Rossini to Wagner
Steven Vande Moortele (Cambridge University Press, 2017)

Steven Vande Moortele nos oferece um estudo detalhado das aberturas de ópera e de concerto escritas entre 1815 e 1850. A partir da análise de um repertório diverso, este trabalho discute o papel da abertura romântica na cultura musical europeia de meados do século XIX e, ao mesmo tempo, oferece um estudo analítico de aspectos formais do gênero. Embora baseado amplamente nas propostas recentes da nova *Formenlehre*, o livro não utiliza a abertura meramente como um veículo para a construção de uma teoria formal. Ao contrário, Moortele adota uma abordagem analítica que coloca a obra individual em contato direto com seu contexto genérico.

Schubert's Mature Instrumental Music: A Theorist's Perspective
David Beach (University of Rochester Press, 2017)

A obra instrumental de Franz Schubert, assim como a de Beethoven, contribuiu para a expansão das normas e convenções estabelecidas pela tradição clássica, especialmente com respeito à forma e à harmonia. Entretanto, apenas recentemente, intérpretes, ouvintes e pesquisadores passaram a apreciar este repertório por seu real valor. Escrito pelo teórico David Beach, este é um estudo analítico de obras para piano solo, música de câmara e sinfonias escritas durante os últimos dez anos da curta vida do compositor, iniciando pelo famoso quinteto *A Truta* (D. 667) e terminando com o *Quinteto de Cordas* em Dó Maior (D. 956). Cada um dos capítulos da primeira parte é dedicado a um tópico: harmonia, *phrase rhythm*, motivo e forma sonata. A segunda parte traz análises detalhadas de nove movimentos representativos da obra do compositor.

György Ligeti's *Le Grand Macabre*: Postmodernism, Musico-Dramatic Form and the Grotesque
Peter Edwards (Routledge, 2016)

Le Grand Macabre de György Ligeti (1974-77, revisada em 1996) se consolidou como uma das maiores obras operísticas do século XX. Poucas óperas compostas até os anos 70 receberam tantas montagens. Apelidada pelo próprio compositor de "anti-anti-ópera", a obra é uma fábula ambígua e apocalíptica sobre a condição humana, o medo da morte e o julgamento final. Este livro, primeiro estudo em inglês dedicado inteiramente à discussão desta obra, oferece novas perspectivas sobre a identidade músico-dramática da ópera no contexto do pós-modernismo musical. O autor se baseia em diversas teorias modernistas e pós-modernistas para explorar a colisão de estilos passados e modelos de gênero na ópera, seus estados expressivos e seu engajamento com o grotesco. Tudo isso é habilmente sustentado por análises musicais e pelo estudo extensivo dos manuscritos. As análises culminam em uma nova abordagem para o estudo das ricas multiplicidades da ópera, da composição do material musical e da natureza da relação de Ligeti com o passado musical.

Structurally Sound: Seven Musical Masterworks Deconstructed
Eric Wen (Dover Publications, 2017)

Neste livro, Eric Wen apresenta análises detalhadas de sete obras importantes do período da prática comum da música ocidental compostas por Bach, Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn e Brahms. A partir de uma abordagem primordialmente *schenkeriana*, o autor examina em detalhe a organização tonal do repertório escolhido, além de explorar aspectos formais, rítmicos e programáticos das obras.

Artigos

Análise musical de *Regard de l'Onction terrible*, de Olivier Messiaen: contexto, simbologia, forma e performance
Opus, v. 23, n. 1, p. 9-34, abr. 2017.
Aline da Silva Alves e Adriana Lopes Moreira

Este artigo aborda a obra *Vingt regards sur l'Enfant Jésus*, de Olivier Messiaen, com foco em sua décima oitava peça, *Regard de l'Onction terrible*. Nosso objetivo principal foi realizar uma análise musical da peça, contextualizando-a através de referências ao simbolismo que envolve sua composição, à forma e a aspectos da performance, com base nesse estudo atento da partitura, tanto ao piano como textualmente. Para

tanto, utilizamos considerações do próprio compositor (MESSIAEN, 1944, 1947, 1995, 1994) em interlocução com os estudos da musicóloga Siglind Bruhn (1997, 2007), com a Teoria do Contorno apresentada por Straus (2005), e com as considerações díspares anteriormente publicadas a respeito de sua forma, propostas por Reverdy (1978), Rogosin, (1996), Bruhn (1997) e Healey (2013). Na conclusão, destacamos a simetria como um elemento marcante da peça, nos âmbitos formal, estrutural e simbólico.

Sonata no. 1 para piano de Edino Krieger – Análise formal e motívica do primeiro movimento
Revista Vórtex, v.5, n.2, p.1-23, 2017.
Keisy Peyerl e Guilherme Sauerbronn de Barros

O presente trabalho é decorrente de uma pesquisa de mestrado e tem características de cunho artístico e acadêmico, tendo como propósito construir uma análise do primeiro movimento da *Sonata n.1* para piano de Edino Krieger (1928 -), compositor catarinense reconhecido nacional e internacionalmente. Sua obra vem sendo cada vez mais objeto de interesse de intérpretes e musicólogos. O texto analítico foi elaborado tendo como principal referência o trabalho de Rudolph Réti, *The Thematic Process in Music* (1951), além de trazer conceitos oriundos de Schoenberg (1996) e Caplin (1998). A partir da análise da *Sonata n. 1* foram discutidas implicações interpretativas de aspectos estruturais e formais da obra.

O afro-brasileiro Lino José Nunes (1789-1847): o mais cromático das Américas até meados do século XIX?
Revista Vórtex, v.5, n.1, p.1-12, 2017.
Fausto Borém

Dados recentes sobre o nascimento, a vida e a morte do compositor, teórico e *performer* carioca Lino José Nunes (1789-1847), seu legado musical conhecido até o momento sugerem ser ele autor do cromatismo mais exacerbado nas Américas até, pelo menos, a primeira metade do século XIX. Este pioneirismo se torna ainda mais relevante ao descobrirmos que ele foi filho de ex-escrava e pai desconhecido. Seguindo e avançando os passos de outro afro-brasileiro – seu mestre, o Padre José Maurício Nunes Garcia, Lino José deixou obras populares e eruditas e, se destacou nos grupos musicais mais importantes da Primeira Regência Imperial no Rio de Janeiro. Este estudo analisa o estilo cromático de Lino José Nunes, que se revela nos níveis didático (o círculo das quintas), ornamental (notas e acordes de passagem), funcional (dominantes secundárias e acordes de empréstimo, modulações próximas e distantes) e na relação texto-música (o cromatismo como índice de tristeza e ansiedade).

Guero: música concreta instrumental e direcionalidade na peça-estudo para piano de Helmut Lachenmann
Revista Vórtex, v.5, n.1, p.1-22, 2017.
Guilherme Ribeiro e Silvio Ferraz

A presente análise é parte dos resultados de uma pesquisa que investiga a relação entre os sons gerados pela expansão do instrumento musical (técnicas estendidas) e a composição contemporânea. Trataremos aqui da peça-estudo para piano do compositor Helmut Lachenmann – *Guero*. Procuramos demonstrar a utilização da técnica estendida instrumental contemporânea como ferramenta fundamental na estruturação de objetos e sua disposição temporal direcional ao longo da obra. Para tanto, tomamos por referências a proposição do próprio compositor (a música concreta instrumental) que, por sua vez, faz referência à base analítica aqui utilizada: a morfotipologia dos objetos sonoros de Pierre Schaeffer.

Neste número, as seções "Da Teoria e "Da Análise" foram reservadas para a divulgação de trabalhos publicados em 2017 no Brasil e no exterior. Quanto aos artigos, demos preferência àqueles publicados no Brasil e países latino-americanos.

Sugestões são muito bem-vindas e devem ser enviadas para o *e-mail*: gabrielnavia@unila.edu.br [.]

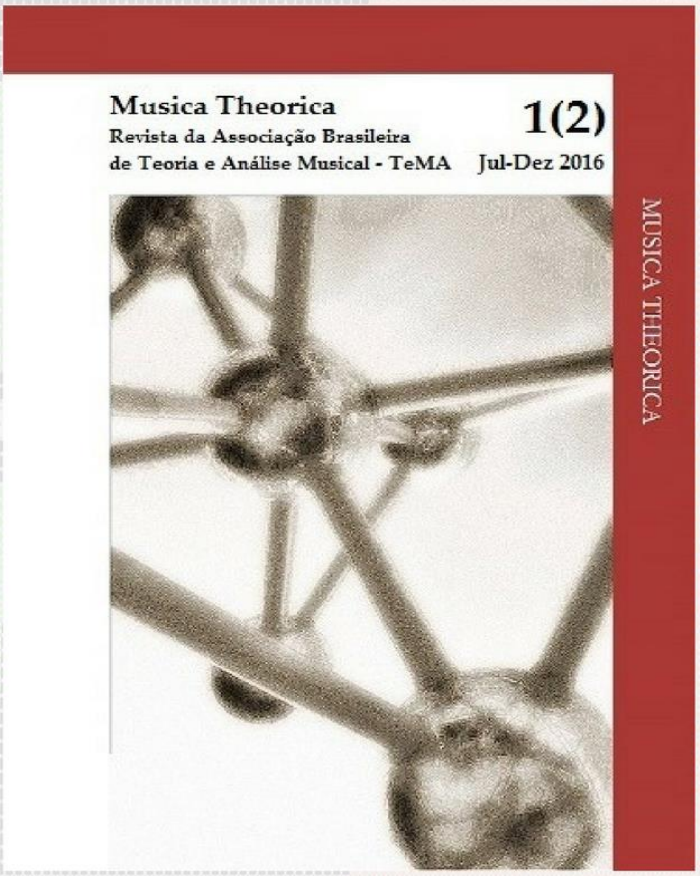
Informativo da Associação Brasileira de Teoria e Análise Musical – TeMA

Av. Tancredo Neves 1632 sala 505
Salvador-BA, Brasil - CEP 41820-020

editores

Gabriel Henrique Bianco Navia
Miriam Emerick de Souza Carpinetti
Edson Hansen Sant ' Ana
(editor-chefe: design e diagramação)

REVISTA Musica Theorica



TeMA | Associação Brasileira de Teoria e Análise Musical